

A METÁFORA DO FANTASMA

(Medos & mídia II) ¹

A cada dia, aprendo novas lições com meus filhos. Um deles, na superioridade dos seus oito anos, disse: “Meu irmão tem medo de fantasmas”. “Não, tenho medo é do escuro” – corrigiu o pequeno de seis anos. O outro, que adora brincar com palavras, não perdeu a chance: “você tem medo é do futuro”. E o pequeno, esperto, mas preocupado, em carretilha: “Como é o futuro? Lá tem fantasma? O futuro é escuro?”

* * *

Em maio de 2005, foi apresentado ao Conselho Universitário um estudo preliminar ao anteprojeto do Plano Diretor Patrimonial e Ambiental da UFBA, coordenado por uma Comissão Técnica da Faculdade de Arquitetura e da Assessoria de Patrimônio Físico da Pró-Reitoria de Planejamento, elaborado por uma equipe de estudantes de Arquitetura como trabalho de conclusão da Graduação.

Lamentavelmente, equívocos e intrigas inundaram listas de discussão na internet e reportagens em diversos jornais da cidade – por exemplo, absurdos como denunciar venda ilegal de propriedades da UFBA. Um emérito professor da área de artes, insinuando cumplicidade com escusos interesses imobiliários para demolição ilegal de imóveis tombados como patrimônio histórico, afirmou que com o Plano Diretor “querem fazer caixa (...) visa a um lucro milionário (...) uma coisa sem escrúpulos”.

Em paralelo, veicularam-se interpretações distorcidas de processos institucionais, em flagrante indecência intelectual. Basta um exemplo dessa atitude desonesta: tomar um primeiro conjunto de estudos preliminares e alternativas espaciais para o Plano Diretor como produto final de um suposto processo sub-reptício imposto pela Reitoria. Um diretor de unidade chegou a declarar à imprensa que já estava em construção “uma frente contrária à proposta do reitor”.

Na verdade, nunca existiu uma “proposta do reitor”. Para ter algum grau de viabilidade, qualquer projeto com essa finalidade não virá da Reitoria, do Reitor ou de algum grupo acadêmico – e sim terá que ser um Plano Diretor da Universidade Federal da Bahia. Em nenhuma hipótese, o Plano Diretor poderá ser imposto. Por esse motivo, o estudo preliminar apresenta três opções (uma delas confirma as atuais localizações das escolas de teatro e de belas-artes) claramente expostas em um CD, de concepção precisa e cuidadosa, distribuído justamente para iniciar uma discussão ampla, aberta e transparente na comunidade universitária. Com esse espírito, os conselhos superiores tomarão decisões democráticas e serenas, com certeza (e com nosso apoio) respeitando consensos construídos em cada uma das unidades da UFBA, inclusive aquelas que no momento rechaçam qualquer tipo de mudança.

¹ - Uma versão resumida deste texto foi publicada em A Tarde (05/ 09/ 2005, pg. 2), sob o título “Quem tem medo do futuro?”

Por outro lado, nunca se cogitou vender os formosos prédios da Escola de Belas Artes ou do Teatro Martim Gonçalves ou ainda, suprema injúria, do Palácio da Reitoria. Nem se poderia fazê-lo, pois qualquer alienação de patrimônio público federal, novo ou antigo, imóvel ou semovente, livre ou tombado, por lei, terá que passar por uma cadeia complexa de deliberações coletivas, das unidades de ensino aos conselhos superiores, daí ao MEC, ao DNPU e ao Congresso Nacional.

Em todo caso, os possíveis casos denunciados podem ser tratados nos devidos âmbitos institucionais, quando todos os membros da comunidade universitária aos quais se atribuíram declarações inverídicas terão a oportunidade de negá-las ou assumir suas responsabilidades ética e civil.

* * *

Feitas essas ressalvas, gostaria de compartilhar algumas reflexões sobre o compromisso, fundante da instituição universitária nas sociedades democráticas, com a criação, com a inovação e com a vanguarda na cultura ocidental. Pretendo aqui aproveitar a oportunidade para analisar natureza e significado de atitudes de reação a propostas de construção do novo, ou de resistência à novidade, na hipótese de que implicam essencialmente “medo de fantasmas”, “medo do futuro” e “medo do escuro”.

Como método, proponho desconstruir algumas das mensagens veiculadas na mídia baiana, assumindo que sintetizam elementos-chave desta polêmica. Para isso, nem precisamos analisar o conteúdo do material publicado, de resto representativo do clima estabelecido em duas das 29 unidades de ensino da universidade. Bastam títulos e sub-títulos, do tipo: “*Escola de Teatro (...) nega mudança*”, “*A Escola de Teatro não deve mudar de lugar*”, “*Protesto contra mudança da Escola de Belas Artes*”.

Com mais clareza ainda, encontramos tais mensagens nas manchetes do suplemento de um prestigioso jornal local (A Tarde Cultural, edição de 4/ 6/ 2005): “*VELHOS TEMP(L)OS. Escolas de Belas Artes e Teatro da UFBA correm risco de mudar de endereço*”. Na página dois, em letras garrafais: “*Marcos ameaçados*”, e em sub-título: “*Plano Diretor proposto pela Reitoria põe em perigo permanência das escolas de Belas Artes e de Teatro no Candá*”. Segue-se um par de matérias sobre a importância histórica das duas escolas – intituladas respectivamente “*Público assistiu ao crescimento*” [da Escola de Teatro] e “*Berço de vários mestres*” –, preparando o leitor para um artigo central sobre a Escola de Belas Artes, intitulado “*Uma casa de vida pulsante e criativa*”.

De início, devo destacar os equívocos dos textos-títulos, posto que incluem afirmações falsas como a de que o Plano Diretor teria sido proposto pela Reitoria e que constitui uma ameaça. Estas assertivas podem ser facilmente desmentidas pela simples leitura do CD posto à disposição de todas as unidades e órgãos da UFBA para subsidiar o debate.

Entretanto, mais preocupantes e dignos de análise são os sentidos implícitos em fragmentos de sentenças (e.g. ... *Reitoria põe em perigo*...; ... *UFBA corre risco*...), em nada inocentes ou descuidados, e na estrutura retórica da série textual. Felizmente, como há muito nos ensina Barthes (1999), a escritura nunca deixa impunes os intentos dos textos. Restos ou resíduos de cadeias significantes revelam verdades insuspeitas, às vezes contraditórias com elementos manifestos dos discursos.

Vejam primeiro a questão do “medo de fantasmas”. Nesse aspecto, a estrutura do argumento chega a ser caricata de tão simplória. Primeiro, selecionam-se significantes de dignidade e respeito visando reconhecimento e identificação automática dos leitores com as supostas vítimas: / *templos* / *marcos* / *berço* / *mestres* / *casa*. Em segundo lugar, induz-se um vago e onipresente ‘terrorismo’, feito sob medida para fomentar construções fantasmáticas

primitivas: / *risco* / *ameaça* / *perigo* / *tempos*. Por último, enaltecem valores a serem preservados como adjetivos de positividade: / *público* / *pulsante* / *criativa* / *crecimento* / *vida*. O efeito deste artifício retórico é apresentar entidades dignas e respeitosas, ameaçadas por fantasmas agressores, poderosos e, muito em moda, corruptos.

Apesar de simpáticas e veneráveis, as respeitosas entidades parecem cultivar fantasmas que as fazem padecer de múltiplos medos. De fato, como vimos acima, uma leitura direta do material da mídia encontra medos quase ridículos: da Reitoria, do Plano Diretor e até “risco de mudar de endereço”. Mas encontramos outras respostas possíveis nas linhas dos textos. Medo de cair do *berço*? Medo de *criar*? Medo de sair de *casa*? Medo de mudar de *lugar*? Medo de mudar de *vida*? Medo de mudar? Medo de mudança?

Artistas talentosos e engajados que morrem de medo de fantasmas e de mudanças? Mal posso acreditar. Ernesto Sábato, ao concluir *O Escritor e seus Fantasmas*, comenta que os artistas primeiro recorreram à metafísica para explorar as fronteiras da novidade nas artes desses Tempos Modernos. Em vão, pois “sua verdadeira pátria não é aquela, mas esta região intermediária e terrena, esta dual e dilacerada região de onde surgem os fantasmas” (Sábato 2003, pg. 202).

Medo de mudanças, “fobia do futuro”, eis a doença infantil do conservadorismo. Há numerosas pistas de que se aplica a esse caso. Basta que selecionemos alguns significantes da série de títulos analisada: /velhos tempos /velhos templos /marcos /permanência.

* * *

Considero qualquer emulação do passado, da tradição, do antigo, do velho, simétrica à rejeição ou receio do futuro, do escuro, da novidade, uma traição ao verdadeiro espírito universitário, comprometido desde sempre com a transformação do mundo. Surpreendo-me ao encontrar tal atitude em lugares de produção artística, supostamente espaços de busca das novas formas e seres e de superação dos tempos antigos. Fico mais triste ainda ao constatar que tais atitudes, reacionárias e conservadoras, podem contaminar nossos estudantes, em princípio jovens abertos ao pensamento novo.

Cabem perguntas: o que querem aqueles que assumem posições em prol da *permanência*, fixados nos *velhos templos*, querendo mesmo retornar aos gloriosos *velhos tempos*? Buscarão identificação com *marcos* e feitos, mesmo mitológicos, dos ancestrais? Será isto porque receiam não poder alcançar glórias próprias?

Resta o tema do “medo do escuro”. Entendamos ‘escuro’ como metáfora do não-visível, do desconhecido, de um futuro que não se pode antever. O fantasma do futuro é uma das metáforas mais conhecidas do imaginário romântico do Século XIX (Bloom 2001). No limite, as casas soturnas, os vazios sinistros e as trevas na poesia de Emily Dickinson, nos contos de Hoffman, Poe e Lovecraft, nas novelas de Dickens e Hawthorne, remetem ao medo essencial do porvir e da morte. Nesse contexto, o ‘futuro’ aparece como um fantasma, o ‘futuro’ é escuro, compreende a incerteza, que se deve temer, pois o futuro de todos é a morte.

Não podemos esquecer que um espectro certa vez assombrou a Europa... Sei que é ocioso recordar, a leitores de reconhecida cultura política, que foi com a metáfora do fantasma que Marx e Engels (1988) apresentaram ao mundo a novidade histórica do comunismo no famoso Manifesto.

Então, justamente para reduzir a incerteza em processos de transformação que visem à criação de futuros claros e viáveis, nossa cultura inventou o planejamento e seus dispositivos, ações programáticas, projetos e, *last but not least*, planos diretores. É claro que,

junto com muitos cétricos históricos, faço restrições ao otimismo planificador. Nesse aspecto, compartilho as ressalvas de Renato Janine (2003), às quais remeto o leitor interessado. Mas isto só vem ao caso no plano crítico geral e não reduz o poder do presente argumento.

Ora, o Plano Diretor Patrimonial e Ambiental da UFBA foi proposto justamente como instrumento para reduzir medos de fantasmas, do escuro e do futuro, visando a uma transformação radical em nossa universidade. É sintomática (ou será irônica?) a desproporcional hipersensibilidade, à beira da irracionalidade e da histeria, assumida pela cruzada contra a sua implementação.

Reconheço que a escuridão (metafórica) torna difícil vislumbrar o sentido das mudanças, justificando questões como: porque mudar, mudar em quê, qual a direção da mudança e mudar em benefício de quem. Entretanto, em relação ao Plano Diretor, tais questões estão claramente apresentadas, com base em princípios mais que óbvios. Tais princípios, por sua vez, encontram-se expostos de modo transparente no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), aprovado pelo Conselho Universitário em maio de 2004 e, desde então, à disposição de todos no portal da UFBA.

Porque mudar? Temos que superar os velhos modelos de universidade simplesmente porque estes são velhos e se referem mais aos contextos sociais e históricos que os engendraram. Os modelos conhecidos – a universidade da cultura, a universidade de pesquisa, a universidade da excelência, para usar a tipologia de Bill Readings (2002) – não são capazes de responder às novas demandas, reais, imaginárias e simbólicas, impostas por uma sociedade cada vez mais inquieta e inquietante.

Mudar em quê? Somente uma universidade reestruturada em termos físicos e ambientais, poderá viabilizar sua recriação pedagógica, científica e cultural. Entre nós, isto significará construir uma UFBA de fato renovada como instituição de criação e pesquisa, consciente da sua missão civilizatória, profundamente comprometida com a produção crítica do conhecimento enquanto elevado valor humano.

Qual o objetivo da mudança? Queremos, no futuro, uma UFBA efetivamente integrada como universidade – priorizando as demandas do alunado e o compromisso social da instituição – e não um mero somatório de faculdades isoladas, organizadas primariamente a partir dos interesses do corpo docente. Em um dos casos em pauta, que conheço de perto porque acompanho o cotidiano de um dos seus alunos, aulas são ministradas na própria escola, situada no Canela; em São Lázaro; no Pavilhão de Aulas do Canela; no Instituto de Ciências da Saúde; na FACOM, no coração do Campus de Ondina; enfim, locais (e horários) completamente arbitrários e dispersos.

Mudar em benefício de quem? Só pode ser para o bem dos alunos. A concentração geográfica de unidades de ensino e a setorização por áreas do conhecimento em muito facilitará a inserção dos estudantes à vida universitária, principalmente aqueles mais necessitados da formação superior como forma de inclusão social. Somente assim, em vez de uma instituição orientada pelo elitismo e produtora de exclusão social como temos sido durante toda nossa história, a UFBA terá alguma chance de se tornar um instrumento para a integração social e cultural dos seus alunos.

* * *

Arrisco um palpite: tem medo do escuro e do futuro quem não se propõe a iluminá-lo e quem por ele não se sente responsável. É certo que o futuro pertence mais às novas gerações do que a nós mesmos. Por isso, comecei e termino dialogando com meus filhos,

sentindo-me cada vez mais responsável pela instituição universitária que estamos construindo e que será nosso legado. Desejo sinceramente que nossos filhos e netos não sofram de medo do futuro. Quanto aos medos na mídia, de casas assombradas e de fantasmas, isto nada tem a ver com a Universidade Federal da Bahia.

Pensando sobre esses temas, encontro alento na poesia de Fernando Pessoa:

Tenho o costume de andar pelas estradas [...]

só de vez em quando olhando para trás...

A cada momento, vejo o que nunca antes tinha visto [...]

Sinto-me nascido a cada momento

Para a eterna novidade do Mundo...